

O Monte e o Vale

(Marcos 9:1–29)

Joe Schubert

A vida proporciona experiências que são como picos de montanhas e experiências que são como vales desanimadores. Marcos 9 registra a cena de uma montanha e um vale. O Senhor é transfigurado na montanha e os discípulos ficam desconcertados no vale. Examinemos esses dois grandes eventos.

O MONTE DA TRANSFIGURAÇÃO (9:1–13)

Um dos eventos mais dramáticos nas Escrituras Sagradas, talvez abaixo somente da crucificação e da ressurreição do nosso Senhor, é a transfiguração de Jesus registrada em Marcos 9. O contexto desse acontecimento é que Jesus acabara de anunciar aos apóstolos Sua morte aproximada em Jerusalém e a realidade da cruz. Os apóstolos ficaram absolutamente destruídos após ouvirem Jesus afirmar que estava a caminho de Jerusalém para morrer. Isso parecia contradizer tudo o que eles entendiam sobre o Messias e o que Ele faria pelas pessoas. Estavam desorientados, confusos, não conseguiam entender. Estavam acontecendo coisas que não só confundiam suas mentes, mas também partiam seus corações. O evento da transfiguração, que estava para acontecer, foi especialmente crucial para o fortalecimento da fé deles. Ele iria animá-los e ajudá-los a reconhecer que tudo aquilo não estava concorrendo para um desfecho de desespero e derrota, mas sim de vitória, triunfo e glória.

Marcos introduz esse capítulo com estas palavras: “Dizia-lhes ainda: Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus” (9:1). Jesus não estava se referindo aqui à Sua vinda com poder nas nuvens de glória no fim do mundo, como alguns tem erroneamente presumido. Ele estava falando da vinda do reino de Deus ou da igreja no dia do seu nascimento, o dia de Pentecostes, que ocorreria cinquenta dias após a Sua

ressurreição do túmulo. Através dos grandes acontecimentos no Pentecostes, registrados claramente em Atos 2, o Senhor ressurreto mostraria Seu triunfo mandando o Espírito Santo para inaugurar no mundo o reino de Deus, a igreja. O reino de Deus viria com poder antes que aqueles com quem Ele falava em Marcos 9:1 morressem.

No episódio da transfiguração, temos uma previsão comovente da glória e da vitória das quais Jesus tinha certeza. Observemos os acontecimentos conforme Marcos os descreve:

Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os sós, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado diante deles; as suas vestes tornaram-se resplandcentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandei-ro na terra as poderia alvejar. Apareceu-lhes Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus. Então, Pedro, tomando a palavra, disse: Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias. Pois não sabia o que dizer, por estarem eles aterrados. A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela uma voz dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi. E, de relance, olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus (vv. 2–8).

Quatro ocorrências dramáticas nesse relato chamam nossa atenção. *Em primeiro lugar, há a mudança na aparência física do próprio Senhor.* Marcos nos diz: “As suas vestes tornaram-se resplandcentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandei-ro na terra as poderia alvejar” (v. 3). Mateus acrescenta: “o seu rosto resplandecia como o sol” (Mateus 17:2). Lucas diz que as Suas vestes resplandeceram de brancura.

Comentaristas liberais tentam explicar esses acontecimentos. É interessante que um desses comentaristas sugere que, enquanto Jesus estava no topo do monte, o sol de repente irrompeu pelas nuvens, e em meio a toda essa luz resplandecente sobre o Seu corpo, os apóstolos simplesmente pensaram que a Sua silhueta havia

sido sobrenaturalmente modificada. Isso pode explicar a mudança na aparência física, mas não explica os outros detalhes desse acontecimento, como o aparecimento de Moisés e Elias e a voz que vinha da nuvem. Não há dúvida nas Escrituras de que esse foi mesmo um acontecimento totalmente sobrenatural, um milagre.

Em segundo lugar, há o aparecimento de Moisés e Elias, dois homens que desceram à terra para conversar com Jesus. Pedro, Tiago e João, os três apóstolos que nessa ocasião acompanhavam Jesus no monte, não tiveram de ser informados que se tratavam de Moisés e Elias. Jesus não disse: “Pedro, Tiago e João, gostaria de apresentar-lhes Moisés e Elias”. Eles imediatamente reconheceram os dois.

Mas por que você acha que Moisés e Elias estavam ali? Por que não outros profetas? Por que não Isaías ou Jeremias? Por que não Davi, o grande rei de Israel? Por que não Abraão, o pai da fé? Moisés e Elias juntos representavam as duas grandes partes do Antigo Testamento — Moisés, a Lei e Elias, os Profetas. A Lei e os Profetas, as duas maiores divisões do Antigo Testamento, haviam igualmente testemunhado que o Messias, o Filho de Deus, viria. Moisés fora o maior porta-voz da lei de toda a nação israelita. Elias fora o primeiro e, em muitos aspectos, o maior de todos os profetas israelitas. Juntos, esses dois homens representavam tudo o que se passara antes na Lei e nos Profetas. Eles representavam tudo o que apontava para a vinda de Jesus como o Messias. Eles representavam toda a história de Israel até aquele momento.

Lucas nos diz qual foi o tópico da conversa entre Moisés, Elias e Jesus. Ele diz que eles “falavam da sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém” (Lucas 9:31). Não gostaríamos que Moisés e Elias tivessem falado algo sobre o que acontece além túmulo, algo sobre o que realmente há após esta vida? Eles vieram, porém, para conversar com Jesus sobre a Sua missão e a Sua morte iminente em Jerusalém.

Em terceiro lugar, a proposta de Pedro é muito interessante nesse relato. Depois de ouvir os homens discutirem esses estranhos acontecimentos juntos, Pedro, ao seu costumeiro jeito de ser, interrompeu-os e disse a Jesus: “Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias” (v. 5).

Várias conjecturas já foram feitas quanto à razão de Pedro ter lançado essa sugestão. Alguns pensam que ele estava tão entusiasmado com o que se passava que quis prolongar a experiência,

e pensou que construir um santuário para Moisés, Elias e Jesus iria de alguma maneira reter, preservar e prolongar aquele acontecimento. Outros pensam que ele estava simplesmente tentando demonstrar honra e respeito àqueles três grandes homens. Lucas 9:33 acrescenta o comentário de que Pedro não sabia o que estava dizendo. Talvez Marcos tenha-o dito da melhor maneira: “Pois [Pedro] não sabia o que dizer, por estarem eles aterrados” (v. 6).

Dizem que há dois tipos de falantes no mundo: aqueles que têm alguma coisa a dizer e aqueles que simplesmente têm de dizer alguma coisa. Pedro era alguém que simplesmente tinha de dizer alguma coisa. Ele estava morrendo de medo. Não sabia o que estava dizendo. Apenas falou algo sem pensar antes de analisar se as suas palavras tinham ou não algum sentido.

Pedro mal havia deixado escapar essas palavras da boca quando foi interrompido pelo próximo acontecimento dramático dessa história. *Em quarto lugar, uma nuvem os envolveu e dela ouviu-se uma voz.* Marcos diz: “A seguir, veio uma nuvem que os envolveu; e dela uma voz dizia: Este é o meu Filho amado; a ele ouvi” (v. 7). Não há dúvida alguma de que essa voz que saiu da nuvem visava servir de correção para a proposta que Pedro acabara de fazer. Deus, com efeito, estava dizendo: “Pedro, não coloque Jesus no mesmo nível que Moisés e Elias. Ele é o Meu Filho. Ouça o que Ele diz. Jesus é Aquele sobre quem Moisés e Elias falaram. Jesus é Aquele que cumpre a Lei da qual Moisés fazia parte e as profecias das quais Elias fazia parte. É a Ele que você deve ouvir. Ele é o Meu Filho; e não eles. Ouça a Ele”.

Marcos termina o relato dizendo que, de repente, assim como tudo surgiu, desapareceu. Ele registra isso com belas palavras no versículo 8: “E, de relance, olhando ao redor, a ninguém mais viram com eles, senão Jesus”. Só Jesus permaneceu ali quando a glória desse grande milagre se foi.

Pedro, Tiago e João — os três escolhidos por Jesus para experimentarem esse acontecimento com Ele — haviam acabado de testemunhar uma cena tremendamente impressionante naquele monte. Havia ouvido a voz de Deus ecoando dos céus em aprovação à missão e ao ministério de Jesus, Seu Filho. Havia visto dois dos maiores líderes de Israel aparecerem e conversarem com Jesus. Havia visto eles se retirarem e desaparecerem, deixando Jesus sozinho em solitário esplendor. Esse grande acontecimento

estava revirando as suas mentes, mas havia uma surpresa. O que os perturbava era que Jesus começara a conversar sobre a Sua ressurreição dos mortos. Os versículos 9 e 10 dizem:

Ao descerem do monte, ordenou-lhes Jesus que não divulgassem as coisas que tinham visto, até o dia em que o Filho do Homem ressuscitasse dentre os mortos. Eles guardaram a recomendação, perguntando uns aos outros que seria o ressuscitar dentre os mortos.

Como fez várias vezes por todo o Evangelho de Marcos, mais uma vez Jesus impôs uma quarentena verbal aos discípulos. Mais uma vez, Ele os proibiu de contar o que viram aos outros. Mais uma vez, indagamos: “Por quê?” Mais uma vez, a resposta é a mesma. Os apóstolos, a essa altura, não entendiam claramente. As informações estavam incompletas. O entendimento deles ainda estava obscuro. Marcos diz que eles não entenderam especificamente o que Jesus quis dizer sobre ressuscitar dos mortos. Não conseguiam conciliar as coisas. Provavelmente, assim como Marta em João 11, eles relacionaram essa afirmação de Jesus com o que eles sabiam sobre a grande ressurreição que todas as pessoas experimentarão no final dos tempos, mencionada no Antigo Testamento. Mas eles não relacionaram isso especificamente com a ressurreição do próprio Jesus. Sem essa relação, a mensagem deles seria uma confusão sem sentido e sem esperança que só iludiria as pessoas e as mandaria para a direção errada. Por isso, Jesus ordenou-lhes que não dissessem nada do que viram a ninguém até que Ele ressuscitasse. Somente então, eles entenderiam.

Os apóstolos também fizeram outra pergunta a Jesus sobre um assunto que os intrigava. Os judeus acreditavam que antes do Messias, viria Elias como o Seu precursor. Os versículos 11 a 13 dizem:

E interrogaram-no, dizendo: Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro? Então, ele lhes disse: Elias, vindo primeiro, restaurará todas as coisas; como, pois, está escrito sobre o Filho do Homem que sofrerá muito e será aviltado? Eu, porém, vos digo que Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram, como a seu respeito está escrito.

O argumento dos rabinos judeus baseava-se nos últimos versículos do Antigo Testamento no livro de Malaquias, que prediziam que Elias viria e restauraria todas as coisas antes do Messias

chegar. Os rabinos tiraram deduções erradas de sua interpretação dessa passagem de Malaquias em particular. Eles interpretavam a profecia de Malaquias como se Elias fosse pessoalmente ser ressuscitado dos mortos, reaparecendo para preparar o caminho para a vinda do Messias. Lucas 1:17, porém, identifica claramente João Batista como o cumprimento da profecia acerca de Elias. Foi isto que Jesus quis dizer em Marcos, quando afirmou: “Elias já veio, e fizeram com ele tudo o que quiseram...” Mateus, em seu relato dessa conversa, registra: “Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista” (Mateus 17:13). Jesus foi mais além e sugeriu que a morte de João Batista foi uma profecia do que aconteceria consigo mesmo.

O VALE DO CONSTRANGIMENTO (9:14–29)

Quando Jesus e os apóstolos finalmente chegaram aos pés do monte, a cena que os recebeu foi uma miniatura do nosso próprio mundo. Na cena aos pés do monte, vários elementos emocionais estavam envolvidos. Havia um pai perdido de angústia. Havia um rapaz afligido pelo poder do mal. Havia os apóstolos de Jesus que estavam tentando ajudar, sendo, porém, ineficientes, incapazes de curar. E havia também os professores da Lei, os escribas judeus, que estavam discutindo sobre o direito e o poder de curar dos apóstolos, sendo também incapazes de fazer qualquer coisa para ajudar. Marcos registra essa cena nas seguintes palavras:

Quando eles se aproximaram dos discípulos, viram numerosa multidão ao redor e que os escribas discutiam com eles. E logo toda a multidão, ao ver Jesus, tomada de surpresa, correu para ele e o saudava. Então, ele interpelou os escribas: Que é que discutíeis com eles? E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando. Roguei a teus discípulos que o expelissem, e eles não puderam. Então, Jesus lhes disse: Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-mo (vv. 14–19).

Os nove apóstolos que ali ficaram estavam em dificuldades. Um homem trouxera seu filho endemoninhado com a esperança de que eles poderiam curá-lo. Os escribas judeus, os professores da Lei, também estavam ali. Estavam gerando um outro transtorno discutindo com os apóstolos sobre o direito e o poder que

eles tinham de curar. Jesus de fato lhes dera essa autoridade quando os chamou para serem apóstolos. Nessa ocasião, porém, eles pareciam estar amedrontados e cautelosos. O menino afligido foi esquecido no calor da discussão que se levantou entre eles e os professores da Lei.

Então, Jesus apareceu. Marcos disse que as pessoas ficaram admiradas quando se deram conta de que Jesus estava ali. Não devemos pensar, como sugerem alguns, que o povo ficou admirado porque o corpo de Jesus ainda resplandecia devido ao que sucedera antes, no monte da transfiguração. Esse não era o caso porque não condiz com a ordem de Jesus aos três apóstolos para que nada contassem a ninguém sobre o que vivenciaram no monte. As pessoas se admiraram com a presença de Jesus por outra razão. Achavam que Jesus ainda estava na sua vigília solitária no alto do monte. Estavam tão intertidadas na discussão que não tinham visto Jesus descer. De repente, perceberam que Ele estava ali no meio delas. Foi diante da Sua repentina e inesperada chegada que todos ficaram admirados e surpresos.

Os nove apóstolos ficaram mais do que surpresos, mais do que admirados, quando descobriram que Jesus estava ali — ficaram envergonhados. Haviam tentado, sem êxito, curar o filho enfermo do homem. A discussão com os professores da Lei aumentou a frustração deles.

Jesus olhou ao redor para a multidão e para tudo o que estava acontecendo e gritou: “Ó geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-mo” (v. 19). A exasperação e frustração de Jesus eram compreensíveis. Todo o povo de Israel estava no processo de rejeitar o Senhor. Os professores da Lei, os escribas, estavam se opondo ao Seu ministério e à Sua obra com todos os artifícios concebíveis. Agora, a oposição deles estava aparentemente começando a exercer influência sobre os próprios apóstolos.

No versículo 20, Marcos diz: “E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolveu-se espumando”. Não era um simples caso de epilepsia. Os sintomas registrados são os sintomas clássicos da doença de epilepsia, mas Marcos deixa muito claro que o problema do menino era possessão demoníaca. A Bíblia registra casos de epilepsia; e também registra casos de possessão demoníaca. Ela sempre distingue uma coisa da outra. Evidentemente, o problema aqui

é um caso de possessão demoníaca.

No próximo versículo o registro continua: “Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu; e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar...” (vv. 21, 22a). Não podemos saber hoje quais poderes Satanás tem. O pai disse: “Ele está assim desde a infância”. Pode ser que Deus tenha permitido esse tipo de aflição pela mesma razão que permitiu o homem nascer cego em João 9. Respondendo à pergunta: “Por que esse homem está nesse estado?” Jesus disse: “...para que se manifestem nele as obras de Deus” (João 9:3). Essa resposta deve nos satisfazer.

O relato prossegue em Marcos 9:22 e 23. O pai disse a Jesus: “...mas, se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe respondeu Jesus: Se podes! Tudo é possível ao que crê”. É como se Jesus dissesse àquele homem: “A cura do seu filho não depende de mim, mas de você”.

Essa é uma verdade universal. Aproximar-se de algo com um espírito de falta de esperança é inútil. Mas aproximar-se de algo com um espírito de fé torna possível a realização do desejo. Alguém disse que um estadista só precisa de uma coisa: acima de tudo, um senso do possível.

A atitude do pai desse menino é das mais esplendorosas. Originalmente, o pai viera em busca do Cristo propriamente dito. Ele queria que Jesus curasse seu filho. Mas, como Jesus estava no alto do monte com Pedro, Tiago e João, ele teve de falar com os nove apóstolos que restaram. A experiência com esses nove apóstolos foi muito desanimadora. A fé que ele tinha, por causa do fracasso dos apóstolos em curar seu filho, estava totalmente abalada. Tanto era assim que, quando ele foi falar com Jesus, tudo o que pôde dizer foi: “Se tu podes... ajuda-nos”. Mas, assim que esse pai ficou face a face com o Senhor, a sua fé reacendeu. Quando Jesus disse: “Se podes! Tudo é possível ao que crê”, o pai exclamou: “Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!” (v. 24). Sendo sincero diante de sua fraqueza o homem disse: “Sim, Senhor. Eu realmente creio, mas sinto incredulidade no meu coração, e não sei como lidar com isso”. Esse é o tipo de fé pequena como uma semente de mostarda, mas ela possui em si a origem da vida. Jesus disse que esse tipo de fé, apesar de pequena, uma vez que contenha o princípio da vida, crescerá. Ela crescerá até se tornar forte o bastante

para mover uma montanha. Confiança, prontidão e desejo que se desenvolvam a partir dessa confiança, é tudo o que Jesus exige. No instante em que o homem disse essas palavras, o Senhor falou e o filho dele foi curado. Os versículos 25 a 27 dizem:

Vendo Jesus que a multidão concorria, compreendeu o espírito imundo, dizendo-lhe: Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele. E ele, clamando e agitando-o muito, saiu, deixando-o como se estivesse morto, a ponto de muitos dizerem: Morreu. Mas Jesus, tomando-o pela mão, o ergueu, e ele se levantou.

Depois que Jesus curou o menino, e Ele e os apóstolos estavam a salvo fora do alcance dos ouvidos críticos dos professores da Lei, eles fizeram a pergunta que estavam ávidos por fazer, uma vez que a impotência deles fora exposta de maneira tão desconcertante. Nos versículos 28 e 29 lemos: “Quando entrou em casa, os seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expulsá-lo? Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração”.

Estou convencido de que com essa resposta Jesus não se referia a um momento de oração. Ele não estava dizendo aos apóstolos que eles não conseguiram expulsar o demônio do menino afligido porque não tinham parado para orar por um tempo suficiente, antes de tentarem realizar o milagre. O registro não indica que Jesus tivesse orado antes de expulsar miraculosamente o demônio. Nem tampouco creio que Jesus estivesse dizendo com essa resposta: “Existe uma oração em especial que vocês devem fazer antes de expulsarem um demônio, e porque vocês não oraram, foram ineficientes”. Ele estava falando de uma vida inteira de oração. Estava na verdade dizendo: “Esse tipo de espírito maligno, esse caso difícil, não pode ser resolvido sem um coração cujo frescor, cuja vida e cujo contato com Deus não estejam sendo preservados através de uma vida de constante oração”. Esse era exatamente o segredo do poder de Jesus. Ele sempre estava em contato com o Pai. Ele sempre andava confiante em Deus. O fracasso dos apóstolos nesse incidente foi deixarem totalmente de orar ou abrirem uma grave lacuna na vida de oração. É evidente que eles esperavam plenamente ter êxito na expulsão desse demônio, de modo que o problema não foi falta de fé no êxito que teriam. Tudo indica que o problema dos apóstolos foi racionalizar que teriam sucesso sem confiar em

que Deus lhes daria a vitória. Anteriormente, os apóstolos sempre tinham obtido sucesso nesses casos, e sem dúvida estavam começando a crer que poderiam realizar essas obras poderosas com o próprio poder dele, sem continuar mantendo intacto o contato com Deus e o Seu poder. Jesus estava, com efeito, dizendo: “Apóstolos, vocês não estão vivendo perto de Deus o bastante. A sua vida de oração está fraca. É por isso que o poder foi ineficaz para resolver este caso em particular”. Eles haviam recebido poder, tudo bem, mas precisavam ter uma vida de oração para manter e preservar esse poder.

Aqui está uma grande lição para nós, não é? É uma grande lição para a igreja. Trabalhamos com tanto afinco para conseguir tudo o que está ao alcance das nossas capacidades humanas. Não precisamos do poder de Deus para muito do que fazemos porque nunca nos propomos a fazer algo que requer o poder de Deus. Nós nos satisfazemos em estabelecer alvos que acreditamos que podemos alcançar com as nossas próprias forças e poder. Uma das maiores necessidades da igreja atualmente é orar: “Senhor, nós cremos, mas perdoa a nossa incredulidade”. Talvez, de fato, um dos maiores presentes que o nosso Senhor pode dar a esta congregação seja puxar o tapete da segurança que está bem embaixo de nós. O amor de Deus só pode ser expresso na sua totalidade quando Ele permite que entremos em apuros, numa situação em que só Ele pode nos ajudar. Daí então, somos forçados a nos virar para Ele porque não há nenhum outro lugar para onde nos virarmos.

Aquilo que se aplica à igreja aplica-se também às nossas vidas individualmente. Quando você e eu chegarmos ao fim de nossas reservas humanas, quando os fatores a nossa volta estiverem além da nossa habilidade de controlar e influenciar, daí então entenderemos, talvez pela primeira vez em nossas vidas, quanto necessitamos de Deus e quanto necessitamos do Seu poder e da Sua ajuda em nossas vidas.

CONCLUSÃO

O monte da transfiguração nos ensina a respeito da divindade e da singularidade de Jesus; o vale do fracasso nos impressiona com a necessidade do poder de Deus em nossas vidas. O monte nos faz lembrar a capacidade de Jesus de nos ajudar; o vale acentua a necessidade humana de ajuda.

Jesus é o Filho unigênito de Deus. Só ele pode satisfazer as necessidades da sua vida. Ouça, obedeça e imite a Jesus. ✦